

EDUCAÇÃO E CUIDADO NAS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS

Alisson da Silva Souza¹

Resumo. Ideias preconceituosas sobre pessoas idosas continuam sendo reproduzidas entre diferentes gerações. O presente artigo é resultado da realização do projeto intergeracional intitulado “Aprendendo sobre a velhice”, realizado em escola pública de ensino fundamental da cidade de Santo Antônio de Jesus, no estado da Bahia. O projeto foi desenvolvido em cinco encontros de 26 crianças com idades entre seis e sete anos (12 delas meninas e 14 meninos) e três idosos com idades entre 65 e 70 anos, em sala de aula, e teve como objetivos proporcionar a convivência entre esses segmentos etários, para compreender como as crianças constroem a imagem da pessoa idosa e como estabelecem suas relações. A aproximação ocorreu por meio de atividades conjuntas como oficinas de dança, trabalho com argila, roda de samba, confecção de flores e arranjos, contação de histórias, atividades físicas, além de rodas de conversa refletindo acerca de temas propostos. Nos encontros as crianças puderam conversar, tirar dúvidas e perceber o significado da velhice a partir da perspectiva de idosos ativos, que têm sua autonomia preservada e boa qualidade de vida. Este artigo propõe-se apresentar os resultados das intervenções e refletir sobre a importância que o tema da intergeracionalidade desempenha nos processos educativos das novas gerações.

Palavras-chaves. Educação. Envelhecimento. Relações Intergeracionais.

¹ Psicólogo, Mestrando em Educação pela UEFS, Feira de Santana/BA.
E-mail: <pot_ppb@hotmail.com>

EDUCATION AND CARE IN INTERGENERATIONAL RELATIONS

Abstract. Prejudiced ideas about older people continue to be reproduced between different generations. This article is the result of the intergenerational project titled "Learning about old age", carried out in a public elementary school in the city of Santo Antonio de Jesus, in the State of Bahia. The project was developed in five meetings of 26 children between the ages of six and seven (12 of them girls and 14 boys) and three elderly people between 65 and 70 years of age, in the classroom, and had as objectives to coexist between these To understand how children construct the image of the elderly person and how they establish their relationships. The approach took place through joint activities such as dance workshops, clay work, samba rhythms, flower making and arrangements, storytelling, physical activities, as well as conversation wheels reflecting on proposed themes. At the meetings the children were able to talk, ask questions and perceive the meaning of old age from the perspective of the active elderly, who have their autonomy preserved and good quality of life. In this article we propose to present the results of the interventions and reflect on the importance that the theme of intergenerationality plays in the educational processes of the new generations.

Keywords. Education. Aging. Intergenerational Relationships.

EDUCACIÓN Y ATENCIÓN EN RELACIONES INTERGENERACIONAL

Resumen. Ideas prejuiciosas sobre las personas mayores siguen siendo jugado entre diferentes generaciones. Este artículo es el resultado de la terminación del proyecto intergeneracional titulada "Aprender sobre la vejez", celebrado en la escuela pública de la escuela primaria en Santo Antonio

de Jesús en Bahía. El proyecto fue desarrollado en cinco sesiones de 26 niños de edades comprendidas entre los seis y siete años (12 de ellos niñas y 14 niños) y tres personas mayores de edades comprendidas entre 65 y 70 años en el aula, a fin de proponer la coexistencia de estos grupos de edad, para entender cómo los niños a construir la imagen de las personas mayores y para establecer su relación. El enfoque se llevó a cabo a través de actividades conjuntas como talleres de danza, el trabajo con la arcilla, la samba, por lo que las flores y los arreglos, cuentacuentos, actividades físicas, y círculos de conversación que reflejan sobre temas propuestos. En las reuniones los niños pudieran hablar, hacer preguntas y entender el significado de la vejez desde la perspectiva de las personas mayores activas, que han conservado su autonomía y calidad de vida. En este artículo se propone presentar los resultados de las operaciones y reflejan la importancia que el tema de los juegos intergeneracionales en los procesos educativos de las nuevas generaciones.

Palabras-clave. Educación. Envejecimiento. las relaciones intergeneracionales

ÉDUCATION ET DES SOINS DANS LES RELATIONS INTERGÉNÉRATIONNELLE

Résumé. Idées de préjugés sur les personnes âgées continuent d'être joué entre les différentes générations. Cet article est le résultat de l'achèvement du projet intergénérationnel intitulé «L'apprentissage de la vieillesse» a eu lieu à l'école publique de l'école élémentaire à Santo Antonio de Jesus à Bahia. Le projet a été développé en cinq séances de 26 enfants âgés de six à sept ans (12 filles et 14 garçons) et trois personnes âgées âgées entre 65 et 70 ans dans la salle de classe, et vise à fournir la coexistence de ces les groupes d'âge, pour comprendre comment les enfants construisent l'image des personnes âgées et d'établir leur relation. L'approche a eu

lieu grâce à des activités conjointes telles que des ateliers de danse, le travail avec de l'argile, la samba, des fleurs et des arrangements faisant, des contes, des activités physiques et des cercles de conversation reflétant sur des sujets proposés. Dans les réunions, les enfants pouvaient parler, poser des questions et comprendre la signification de la vieillesse du point de vue des personnes âgées actives, qui ont conservé leur autonomie et leur qualité de vie. Cet article se propose de présenter les résultats d'exploitation et de tenir compte de l'importance que la question des jeux intergénérationnels dans les processus éducatifs des nouvelles générations.

Mots-clés. Education. Vieillesse. Les relations intergénérationnelles.

INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional é considerado uma das grandes mudanças a que o mundo assiste. Essas mudanças, com aumento quantitativo crescente da população idosa e o continuado incremento de anos à expectativa de vida, exigem um novo olhar sobre essa realidade, para compreender os múltiplos fenômenos intrínsecos à velhice e ao processo do envelhecimento.

Trata-se de fenômeno que vem integrando, há décadas, o elenco das preocupações em diferentes países, sendo discutido em diferentes espaços, inclusive nos meios acadêmicos, absolutamente pertinente em função dos desafios que promove para toda a sociedade.

A maior expectativa de vida, a visibilidade da velhice e o convívio da pessoa idosa com diferentes gerações fazem com que o tema do envelhecimento entre na agenda de diferentes países, considerados desenvolvidos ou

não, e campos do conhecimento. A grande questão é que o crescimento dessa população não se faz acompanhar, proporcionalmente, de condições que qualifiquem a vida de parcela significativa dela, mantendo-a cada vez mais vulnerável e fragilizada, ainda que se possa falar em seu empoderamento.

Não é de hoje que o Brasil expressa sua preocupação com a velhice, quando inclui essa questão na Constituição Federal e em inúmeros documentos como códigos civil, penal e eleitoral, desde o início do século vinte, além de ser signatário de diferentes documentos internacionais. Essa preocupação propõe a garantia de direitos para uma velhice ativa, com acesso à saúde, na busca por qualificação da vida na velhice; à educação, quando objetiva melhor compreender a velhice como processo a que todo ser vivo estará submetido, e a necessidade de tratá-la com respeito e dignidade².

Trata-se de realidade que afeta toda a sociedade, em diferentes dimensões. Se de um lado viver mais traduz uma das grandes conquistas da humanidade, associadas à substancial melhora de parâmetros de saúde, não se pode desconsiderar que essas conquistas não são distribuídas equitativamente nos diferentes contextos sociais, o que passa a ser um desafio para indivíduos, famílias e gestores públicos.

Isso significa a reafirmação de que não é possível conviver com a omissão ou reduzida atenção à presença de idosos na sociedade, da mesma forma que não pode haver garantia de seus direitos se as condições

2 Ainda que na educação básica continue sendo vista como tema transversal.

para uma velhice ativa não forem disponibilizadas. E dentre essas condições, a WHO (2005) aponta que a manutenção da autonomia e da independência no processo de envelhecimento é uma meta fundamental a ser buscada por indivíduos e governantes. Além disso, referindo-se ao contexto em que ocorre o envelhecimento, destaca que a interdependência e a solidariedade entre gerações são princípios relevantes para o envelhecimento ativo.

Sobre o envelhecimento bem-sucedido, Neri e Teixeira (2008, p. 91) afirmam que

envelhecer bem é uma questão pragmática de valores particulares que permeiam o curso da vida, incluindo as condições próximas da morte. A implementação de programas que elevam o nível de qualidade de vida dos idosos pode prescindir, temporariamente, da definição uniforme desse fenômeno. O objetivo de muitos idosos e profissionais tem sido a promoção de saúde e bem-estar nessa fase da vida, seja referindo-se ao envelhecimento saudável, produtivo, ativo ou bem-sucedido.

Ramos (2015, p. 192) reforça essa assertiva, assinalando que

a maior longevidade tem modificado de forma importante as configurações familiares e os laços entre

as gerações. Hoje, os avós não apenas têm a possibilidade de ver seus netos nascerem e crescerem, mas também tornarem-se adultos e, muitas vezes, pais. Ao longo desse período estendido de coexistência, os avós podem assumir diferentes significados na vida dos netos, mudando o tipo de interação estabelecida, assim como a própria intensidade do contato, quando estes são crianças, adolescentes ou adultos.

No campo do conhecimento, a Psicologia Social e a contribuição de Moscovici, com a teoria das Representações Sociais, têm sido importante instrumento de análise no campo da pesquisa qualitativa. A preocupação da Psicologia Social é a inserção do sujeito no processo histórico como agente da história que, ao mesmo tempo em que se transforma, transforma o contexto onde se insere. Para Moscovici (2003), conhecer as representações sociais é uma forma de resgatar a relevância do conhecimento do senso comum, que ajuda a compreender as origens e influências do seu processo de construção e contribui, significativamente, para a compreensão do modo como as relações se configuram entre os diferentes sujeitos.

Lopes (2008, p.18), ao analisar as representações sociais construídas por crianças a respeito da velhice, assinala que

as razões para estudar as representações sociais do velho e da velhice podem ser encontradas

considerando-se as alterações contemporâneas acerca desses objetos sociais, tais como o aumento da população de velhos, a maior visibilidade da velhice, bem como as novas e diversas imagens a respeito dessa etapa da vida que têm circulado pela sociedade [sic].

Embora já se tenha mudanças visíveis, a exemplo das inúmeras ações educacionais colocadas em prática em vários cantos do País, inserindo a pessoa idosa, não se têm dúvidas de que ainda há carências e vazios no setor educacional que precisam ser preenchidos, até porque há muito por fazer em termos de valorização do idoso e de redução de preconceitos. Não é demais lembrar o que Lima (2008, p. 68) acrescenta:

[...] embora possamos reconhecer que a educação não é a responsável pela intolerância e violência dominante hoje nas relações sociais de um modo geral, não se pode subestimar o seu papel no modo como as sociedades transmitem e constroem valores, crenças, percepções e representações em torno de múltiplos aspectos da vida.

Nesse sentido, compreender como é construída a imagem da pessoa idosa é uma estratégia eficiente para o entendimento das relações estabelecidas na convivência social, bem como para o planejamento de ações que visem oferecer oportunidades para a construção de novas representações sociais sobre o assunto.

O presente texto, situado no âmbito da intergeracionalidade³, propõe analisar a compreensão das crianças em torno das relações que estabelecem com a pessoa idosa. O objetivo principal das atividades realizadas foi o fortalecimento de atitudes de respeito ao outro, às diferenças etárias e à heterogeneidade da velhice, aproximando as crianças das pessoas idosas, através de vivências que envolveram oficinas de dança, contação de histórias, interpretação de situações com pessoas idosas, significativas para ambos. Uma proposta de trabalho com essa abordagem requer a consideração de que ambos são sujeitos que se constituem em interações e vivências coletivas e individuais, impactadas pelo patrimônio cultural e social da sociedade de que fazem parte.

As atividades foram desenvolvidas em sala de aula⁴, com a participação de 26 alunos do primeiro ano do ensino fundamental do turno vespertino⁵, e participação de três idosos, um deles atleta conhecido na cidade por participar de competições e muito atuante em atividades físicas realizadas com grupo da terceira idade, além de duas idosas, avós de alunos da escola, já conhecidas dos alunos da escola, em outras atividades que desenvolviam na comunidade.

Foram realizadas oficinas de arte, como dança,

3 Expressão que, para Lopes (2005), se refere às relações que ocorrem entre indivíduos pertencentes a diferentes gerações.

4 Espaço pedagógico da Escola Municipal Tiro de Guerra Cidade de Santo Antônio de Jesus, no bairro Jardim Bahia, onde foram desenvolvidas as atividades, com alunos de primeiro ano do ensino fundamental.

5 Meses de abril e maio de 2015.

roda de samba, decoração de vasos de argila, confecção de flores e arranjos, contação de histórias, atividades físicas, interpretação e vivências de situações com os idosos convidados, as quais possibilitaram que as crianças expressassem ideias, compartilhassem entre si experiências de vida, interagissem, colocando-se mais próximos dos idosos.

2 A APRENDIZAGEM INTERGERACIONAL

A pesquisadora Monica Todaro, em livro publicado sobre a relação intergeracional (2009), assinala alguns benefícios dessa convivência em atividades educacionais conjuntas. Esses benefícios circunscrevem-se ao impacto causado pelas opiniões das crianças sobre os idosos, à inserção do tema no currículo escolar, à abertura das organizações escolares para a entrada de idosos, à abertura e possibilidades de realizar pesquisas científicas, às oportunidades que têm educadores de reavaliar a prática pedagógica que utilizam à luz dos conhecimentos advindos do contato com idosos ou com materiais e atividades que incentivem a reflexão a respeito das diferenças.

Para a autora, a experiência enriquece o processo de ensino aprendizagem, pois coloca as crianças em situações concretas de cooperação e contribui com os idosos através da transmissão de novos conhecimentos, propiciando-lhes melhores condições de enfrentar as mudanças sociais e conviver de forma equilibrada com as demais gerações.

Jacques Delors (2000, p. 90), ao analisar a questão da educação no mundo, afirma que ela e o co-

nhcimento devem assentar-se em quatro importantes pilares, convergentes entre si. São eles: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a viver juntos. Este último, além de ter implicações no desenvolvimento da cidadania, conhecimento e espaços para a cooperação e intercâmbio, vem sendo um dos mais difíceis para o segmento idoso da população, considerando o seu distanciamento ao interagir com a juventude, especialmente pelo domínio da tecnologia nas múltiplas dimensões da vida, cujo acesso e domínio, pelo idoso, ainda é restrito.

Em pesquisa recente Dornelles (2015) investigou o que um grupo de crianças de uma escola pública de Porto Alegre entende por ser idoso. Para isso, utilizou cinco bonecos que representam corpos-velhos de homens e mulheres. Esses *bonecos-corpo-de-velho* motivando crianças e adultos a pensarem sobre seus próprios corpos e os modos de ser velho. Dornelles (2015) também sugere, em pesquisa desenvolvida, que pais e professores podem colaborar para desconstruir, reinventar, pluralizar e apresentar diferentes repertórios relacionados à velhice.

Dornelles (2015, p.187) conclui que

[...] Em meio a crianças, avós, netos, bonecos e bonecas, foi possível que as crianças, ao tratarem sobre o envelhecimento, aprendessem sobre si e o outro, nas atividades com os bonecos-velhos, nas brincadeiras permeadas pela alegria da descoberta.

A partir dessas experiências, é importante considerar que a aprendizagem, em qualquer idade, deve direcionar-se a reflexões em torno do ambiente concreto dos diferentes segmentos etários. Essas reflexões, que devem ser conjuntas, D’Alencar (2002, p.75) realça:

[...] aumentam o nível da consciência dos problemas que afetam o coletivo... A aprendizagem deve situar-se diretamente a partir da experiência, pois nenhuma necessidade é mais humana do que a de perceber o significado da própria experiência.[sic].

Os educadores devem preocupar-se em vincular a educação à realidade da sucessão, da continuidade do ser humano e da renovação das gerações, além, naturalmente, das relações que podem ser cultivadas por diferentes gerações entre si, pressupondo vida partilhada e coexistência. Oliveira (2011, p. 51), ao realçar que “nenhum ser humano se humaniza sozinho. Sempre precisa de outro, que testemunhe seu inacabamento”, chama a atenção para esse convívio de gerações em movimento, afirmando que:

[...] um convívio de gerações, não comporta linearidade e, portanto, não se resume na passagem de sabedoria dos velhos para as crianças. Estas, mesmo que nem sequer o saibam, também podem transmitir às gerações mais velhas (ibidem, p. 28).

Nesse sentido, Barbosa e Scoralick-Lempke (2012, p. 649) realçam a importância da disponibilidade de programas voltados à população idosa e à convivência intergeracional, estimulando melhor conhecimento do processo de envelhecimento com equilíbrio e manutenção da capacidade de desfrutar um envelhecimento equilibrado, apesar dos declínios.

3 A EXPERIÊNCIA DA RELAÇÃO INTERGERACIONAL

Para atingir os objetivos da proposta foram utilizadas técnicas de dinâmicas de grupo, nas quais os participantes puderam desenhar, escrever, contar, ouvir histórias e vivenciar situações de aprendizagem com pessoas idosas. Os temas abordados faziam referência às questões do envelhecimento, à maneira como as crianças veem o mundo, como interagem com pessoas idosas e como sentem o processo de envelhecimento. Foram levantadas discussões que tratavam da vida do idoso que mora só, do idoso que namora, que viaja sem companhia de um adulto, que trabalha, dentre outras questões.

Na primeira aula, através de uma metodologia chamada tempestade de ideias, foi solicitado aos alunos participantes que falassem sobre o envelhecimento. As crianças expressaram livremente o que achavam sobre os idosos. Muitos afirmavam que os idosos eram frágeis, doentes e que não podiam mais fazer nada. Outros revelaram ter medo de pessoas idosas. Outra criança falou ter nojo da pele de velhos e outros afirmaram ter pena dos velhinhos, que eles eram uns coitados e que gostavam deles, pois não faziam mal

nenhum. As falas das crianças, de modo geral, exprimem o entendimento estereotipado que é produzido e propagado sobre a pessoa idosa.

Essas falas apontam para um grupo de representações sobre a velhice, presente no imaginário social, que as crianças reproduzem. De um lado, uma fala que aponta para uma velhice negativa, frágil, doente, ora digna de pena, ora digna de nojo, pela pele enrugada, fundamentada na relação direta entre velhice e doença, entre velhice e incapacidade, entre velhice e fragilidade.

Como se não bastasse as situações de pobreza, isolamento social, solidão, doença e dependência, restringindo o indivíduo nesta fase do ciclo vital a uma existência desprovida de interesses, integração social e oportunidades, esse velho é comparado a um monstro que a criança tem que temer. Trata-se de estereótipos presentes em todas as idades, reproduzindo uma matriz de preconceitos ainda não superada.

Em pesquisa desenvolvida por Dornelles (2015), utilizando bonecos com corpos-velhos, a pesquisadora permitiu que as crianças pegassem os bonecos, apalpassem, brincassem e, a partir disso, procurou saber o que elas pensavam sobre ser velho. Embora carregadas de conteúdos preconceituosos e estereotipados, as falas das crianças também evidenciaram a importância que tem para o desenvolvimento saudável a convivência com pessoas mais velhas.

De acordo com a autora (2015, p.182),

as falas trazidas pelas crianças nas brincadeiras com bonecos- velhos

nos permitem inferir que a convivência com os avós e suas vicissitudes permite que a criança pense sobre o que é ser velho, ter um corpo-velho, sobre o que é viver um processo de envelhecimento. Ou seja, estas se dão conta do processo vital de nascer, crescer e morrer, bem como que as pessoas, ao longo dos tempos, vão se tornando mais frágeis.

A perspectiva adotada neste trabalho também buscou partir do conhecimento prévio que os alunos tinham sobre o que significa envelhecer e, para isso, investigou as relações que as crianças tinham em seu cotidiano com pessoas idosas de modo a compreender o que elas pensam sobre ser idoso.

A partir das concepções apresentadas pelas crianças, foi possível programar os próximos encontros de modo que as histórias, os contos e vídeos utilizados trouxessem o idoso numa perspectiva completamente diferente da que foi idealizada pela grande maioria da classe.

No decorrer dos encontros percebeu-se que as crianças mudaram suas atitudes em relação à velhice. Com base nessa constatação os encontros seguintes foram programados para propiciar o contato das crianças com os idosos participantes do Projeto, duas idosas, professoras de dança e de artesanato, e um idoso, atleta e músico.

O primeiro contato foi com a professora de dança, que optou por iniciar a sua participação com uma contação de história cantada, utilizando movimentos

corporais e técnicas teatrais. Criou uma história a partir do nome dos alunos; em seguida organizou a classe em círculo e, com o auxílio de músicas, trabalhou algumas posturas do corpo, ensinou alguns passos de dança e, em seguida, pediu que a turma sugerisse uma música para que ela criasse com eles uma coreografia para encerrar o encontro. Os alunos escolheram a música “Show das poderosas”, da cantora Anita. O encontro começou e terminou com dança, e a turma teve a possibilidade de identificar características de uma pessoa jovem em outra com mais idade, bem como aprender que a idade não impede uma vida comum e saudável.

O segundo encontro foi com o músico e atleta, que começou falando de sua trajetória, apresentando algumas medalhas recebidas em disputas de que participou; mostrou o pandeiro como instrumento musical que utiliza em rodas de samba e, em seguida, convidou os alunos para fazer um aquecimento corporal, dando comandos para outros movimentos. Desenvolveu também algumas brincadeiras e terminou o encontro fazendo um samba. Esse encontro permitiu que as crianças desconstruíssem a ideia de que o corpo do idoso é frágil e cansado. Em alguns momentos, algumas crianças cansavam e não conseguiam acompanhar o ritmo do idoso. Posteriormente foi discutida essa questão do cansaço, realçando-se que o corpo da pessoa idosa não a impede de fazer exercícios físicos e que o nosso convidado só conseguia realizar todas aquelas atividades porque seu corpo já era treinado para isso.

O terceiro e último encontro foi com a professora de artesanato. Ela havia pedido alguns materiais com antecedência, pois queria construir um porta-retrato com a turma. Pelo fato de ser professora, a convidada foi bastante didática e conseguiu conduzir bem a classe. Os alunos seguiram seus comandos, concentraram-se e conseguiram concluir o trabalho. Observou-se que os alunos utilizaram a criatividade e se empenharam para obter o melhor resultado. No final, a Artesã convidou a classe para fazer uma oração, agradeceu a oportunidade e abraçou a todos/as.

Ao finalizar as intervenções voltadas para a temática do envelhecimento e da intergeracionalidade no ensino fundamental, constatou-se que realmente a educação é um processo de mudança que visa garantir a todo ser humano uma transformação na sua forma de ser e ver o mundo. Quando foi pensada a realização do projeto intergeracional, o principal objetivo era investigar o imaginário de crianças sobre o envelhecimento e, a partir das atividades, envolver modelos de pessoas idosas saudáveis, ativas e que ainda continuam colaborativas com a sociedade, corroborando a ideia de que os participantes da atividade, crianças e idosos, não apenas são produtos, mas produtores da realidade social em que vivem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados alcançados com a proposta da intergeracionalidade revelaram a capacidade de mobilização que a educação tem. Tal reflexão nos conduz a voltar nosso olhar para o processo de humanização

que está fortemente relacionado com as relações que estabelecemos.

Ao levar em consideração essa função de sensibilização que a educação desempenha, é importante levar em conta o valor do trabalho realizado, pois o mesmo foi capaz de mobilizar a escola sobre a relevância do tema, a criação de oportunidades de contato e transferência de experiências de vida e valores acumulados, bem como serviu para fortalecer nos idosos a autoestima, a possibilidade de uma comunicação positiva com as crianças, com a escola, e a ressignificação de sua identidade social. Aos alunos, propiciou novas concepções a respeito do ser velho, apontando para a compreensão de diferentes formas de envelhecer.

Nesse sentido, a promoção de relacionamentos entre pessoas de idades diferentes no espaço da escola esclarece o entendimento sobre o envelhecer, melhora o relacionamento e o tratamento das crianças em relação aos idosos e estimula o contato e as trocas culturais entre ambos, evidenciando que a atividade desenvolvida cumpriu seu objetivo, influenciou no comportamento das crianças a respeito da velhice, alterando a percepção dos mesmos, desconstruiu ideias preconcebidas sobre a velhice - de fragilidade, de feiura, de causar-lhes medo -, inclusive convencendo a comunidade docente sobre a importância de eventos com tal propósito, o de aprender a viver juntos, conforme sinaliza o Relatório Delors. Aproximar as pessoas, independente de idade, de gênero, de cor, estabelecer pontes e mediar relações deve ser o propósito maior da educação.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Altemir J.G.; SCORALICK-LEMPKE, Natália N. Educação e envelhecimento: contribuições da perspectiva Life-Span, Estudos de Psicologia, Campinas I 29(Supl.) I 647s-655s I outubro-dezembro 2012. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Altemir_Barbosa/publication/262662972_Education_and_aging_Life-span_perspective_contributions/links/5446be5c0cf22b3c14e0b199.pdf>. Acesso em fevereiro de 2016.
- D' ALENCAR, Raimunda Silva. Ensinar a Viver, Ensinar a Envelhecer: desafios para a educação de idosos. In: Revista de Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento. UFRGS, Porto Alegre, RS, v. 4, p.61-83. 2002.
- DELORS, J. Educação – um tesouro a descobrir. 4. ed São Paulo: Cortez, Brasília: MEC/UNESCO, 2000. 288p
- DORNELLES, Leni Vieira. Bonecos com Corpos-velhos: o que dizem as crianças sobre envelhecimento. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p.173-190, jan./mar. 2015. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/45671/32242>>. Acesso em dezembro de 2015.
- LIMA, Laura Maria S. Mafra. A Escola como espaço de sociabilidade entre jovens e velhos: a cumplicidade do ensinar e aprender. In: Memorialidades n. 9/10, jan.-dez., p, 53-88. 2008

LOPES, Ewellyne Sueli. Encontros Intergeracionais e representação social: o que as crianças pensam sobre velhos e velhice. Holambra, SP: Editora Setembro; São Paulo: Fapesp, 2008.

MOSCOVICI, Serge. Representações Sociais: investigação em psicologia social. Tradução de Pedrinho Guareschi. Coleção Psicologia Social. Petrópolis: Vozes, 2003.

NERI, Anita Liberalesso, TEIXEIRA, Ilka Nicéia D'Aquino Oliveira. Envelhecimento bem-sucedido: uma meta no curso da vida. *Psicol. USP*, São Paulo, v.19, n. 1, p. 81-91, jan. /mar. 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicousp/v19n1/v19n1a10.pdf>>. Acesso em março de 2016.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. Vidas compartilhadas: cultura e relações intergeracionais na vida cotidiana. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

RAMOS, Anne Carolina. Os Avós na Literatura Infantil: perspectivas gerontológicas e educacionais. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 191-225, jan./mar. 2015. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/45343/32244>>. Acesso em fevereiro de 2016.

TODARO, Mônica. Vovô vai à escola: A velhice como tema transversal no ensino fundamental. Campinas, SP: Papirus, 2009.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO).
Envelhecimento ativo: uma política de saúde /
World Health Organization; tradução Suzana
Gontijo. – Brasília: Organização Pan-Americana da
Saúde, 2005.60p.: il.

OLIVEIRA, Márcio S. B. S. de. Representações
sociais e sociedades: a contribuição de Serge
Moscovici. Revista Brasileira de Ciências Sociais,
São Paulo, v. 19, n. 55, 2004. Disponível em:
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092004000200014&lng=en&nrm=iso)
[arttext&pid=S0102-69092004000200014&lng=en&](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092004000200014&lng=en&nrm=iso)
[nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092004000200014&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 8 jan. 2005.

Recebido em junho de 2016
Reencaminhado em outubro de 2016
Aprovado em dezembro de 2016